

PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA ICTIOLOGIA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Bhaskara Canan¹

RESUMO: Com base nos trabalhos de alguns naturalistas viajantes, pesquisadores e cientistas é possível fazer uma reconstrução dos conhecimentos acumulados relativos a ictiofauna, dulcícola e marinha, do Estado do Rio Grande do Norte desde o século XV até o presente. Alguns naturalistas viajantes, pesquisadores e cientistas que visitaram a região ou de alguma forma tiveram contato com material ictiológico originário do Estado do Rio Grande do Norte, apresentam descrições e comentários sobre a ictiofauna em seus trabalhos. Dentre esses estudiosos é possível citar Gabriel Soares de Souza, 1587; Georg Marcgrave, 1648; Edwin Chapin Starks, 1913; Henry Weed Fowler, 1941 e 1948 e os integrantes da Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste do Brasil, 1933, chefiados por Rodolpho von Ihering. Todos eles e muitos outros deixaram inúmeras contribuições sobre o levantamento da fauna aquática, a investigação da biota, a biologia dos peixes e a sua conservação. Por outro lado, relataram uma natureza frágil, susceptível de rápidas mudanças.

Palavras-chave: Ictiologia. Rio Grande do Norte. História.

THE FIRST CONTRIBUTION TO THE ICHTHYOLOGY HISTORY OF THE STATE OF RIO GRANDE DO NORTE

ABSTRACT: Based on the work of some traveling naturalists, researchers and scientists, it is possible to make a reconstruction of knowledge on the fish fauna, freshwater and marine, in the State of Rio Grande do Norte since the fifteenth century to the present. Some traveling naturalists, researchers and scientists who visited the region, or somehow had contact with ichthyological material originated in the State of Rio Grande do Norte, show descriptions and comments on the fish fauna in their work. Among these scholars it is possible to cite the works of Gabriel Soares de Souza, 1587; Georg Marcgrave, 1648, Edwin Chapin Starks, 1913, Henry Weed Fowler, 1941 and 1948 and the members of the Technical Committee on Fish Farming in Northeastern Brazil, 1933, led by Rudolph von Ihering. They all, as well as many others, have left numerous contributions to the survey of aquatic fauna, the investigation of the biota, the biology of fish and their conservation. On the other hand, they have also described this natural environment as fragile and susceptible to rapid changes.

Keywords: Ichthyology. Rio Grande do Norte. History.

¹ Biólogo. Docente do SENAI DR/RN. Doutor em Psicobiologia. Av. Vinte e Cinco de Dezembro, 881, Praia do Meio; CEP 59010-030 - Natal, RN; Tel.: (84)9451-0126; e-mail: meioambiente@cetcm.rn.senai.br.

1 INTRODUÇÃO

Com a presente contribuição pretendemos reunir estudos sobre a ictiofauna do Estado do Rio Grande do Norte, dispersos ao longo do tempo e publicados nos mais variados veículos de divulgação científica. Serão abordados estudos desenvolvidos no período de tempo compreendido entre os anos 1587 e 1978.

O Estado do Rio Grande do Norte se caracteriza pela dominância de condições semiáridas no seu território, vinculada à irregularidade de distribuição das chuvas e está situado na região Nordeste do Brasil ($4^{\circ}49'53''$ e $6^{\circ}58'57''$ de latitude sul e $34^{\circ}58'03''$ e $38^{\circ}36'12''$ de longitude oeste), apresentando uma superfície de 52.796,8 km², exibindo uma faixa litorânea com cerca de 410 km de extensão, dividida em duas áreas: o litoral norte, localizado entre os municípios de Tibau e Touros, e o litoral oriental, localizado entre os municípios de Rio do Fogo e Baía Formosa (IDEMA, 2010).

A superfície do Estado do Rio Grande do Norte é formada, em grande parte, por um relevo plano; aproximadamente 83% do espaço geográfico estadual não ultrapassam 300 metros acima do nível do mar. O relevo norte-rio-grandense é composto por duas unidades de relevo: terras baixas e planalto. As terras baixas são encontradas no leste, norte e oeste do Planalto da Borborema. O planalto se estabelece no norte da Serra Borborema e se estende até o sul do Estado (IDEMA, 2010).

A região costeira do estado é marcada pela presença de conjuntos de tabuleiros sedimentares reunidos no Grupo Barreiras: sedimentos pouco consolidados, com variação de cor e granulometria, incluindo desde argilitos a conglomerados, sobreposta em discordância às rochas do embasamento cristalino pré-cambriano e/ou aos sedimentos mesozoicos. O relevo costeiro é caracterizado por dois amplos domínios morfológicos que constituem os platôs litorâneos (tabuleiros costeiros formados sobre o Grupo Barreiras) e a área litorânea (praias e manguezais), (IDEMA, 2010).

A malha hidrográfica do Estado do Rio Grande do Norte é formada pelos rios Mossoró, Apodi, Assu, Piranhas, Potengi, Trairi, Seridó, Jundaí, Jacu, Curimataú, Ceará-Mirim, Maxaranguape e Pium localizada ao norte do planalto da Borborema e desaguardo no litoral leste e norte do Estado. Outros cursos d'água menores, açudes e lagoas também fazem parte deste complexo hidrográfico. Assim como a maioria dos sistemas hidrográficos do Nordeste, os rios predominantes são aqueles com regime temporário ou intermitente, reduzindo seu volume de água ou secando completamente na época de estiagem (IDEMA, 2010).

As bacias hidrográficas sob o domínio da Caatinga podem ser divididas em quatro regiões hidrográficas: Maranhão-Piauí, Nordeste Médio-Oriental, São Francisco e bacias do Leste. Estas regiões representam bacias com diferentes características hidrográficas e com diferentes graus de abrangência da Caatinga (ROSA et al., 2003).

A região hidrográfica Nordeste Médio-Oriental inclui as bacias compreendidas entre o rio Paraíba e o rio São Francisco, cujas cabeceiras encontram-se nas chapadas de Ibiapaba, Araripe e planalto da Borborema, por vezes drenando áreas de brejos de altitude, e que cortam áreas de caatinga na maior parte de seus cursos. Esta região pode ser dividida em duas sub-regiões, uma Setentrional e outra Oriental. A primeira é composta por bacias costeiras de pequeno porte como as dos rios Coreaú, Choró, Apodi, e bacias de médio porte, como as dos rios Jaguaribe e Piranhas-Açu, que drenam a porção leste das serras de Ibiapaba e Grande, porção norte da chapada do Araripe e a porção norte do planalto da Borborema, nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e interior da Paraíba. Na sub-região Oriental estão as bacias costeiras de pequeno e médio porte, localizadas ao sul do rio Potengi, nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Seus principais rios são o Potengi, Mamanguape, Paraíba do Norte, Capibaribe, Ipojuca, Una e Camaçari (ROSA et al., 2003).

Na sub-região Setentrional, o limite norte da caatinga avança até uma estreita faixa de vegetação litorânea ou atinge mesmo a costa, como ocorre no noroeste do Rio Grande do Norte (ANDRADE-LIMA, 1981). As bacias hidrográficas desta região estão sob maior influência do clima semiárido da caatinga, se comparada às das outras regiões. Esta condição natural faz com que os rios apresentem regime intermitente em grande parte de seus cursos, com exceção dos baixos cursos e cabeceiras localizadas em matas serranas, como no Estado do Ceará. Os dois principais rios desta região são o Jaguaribe, no Ceará, e o Piranhas-Açu, nos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte. Ambos, sob influência do regime irregular de chuvas, chegam a secar em alguns trechos nos períodos de maior estio, com exceção dos baixos cursos que recebem grande influência da penetração das marés (ROSA et al., 2003).

Na sub-região Oriental, a caatinga limita-se ao leste com as florestas pluviais costeiras, que caracterizam a zona da mata na região, transição essa que ocorre gradualmente (ANDRADE-LIMA, 1981). O planalto da Borborema é o grande gestor de águas, direcionando os rios no sentido oeste-leste até o Oceano Atlântico. Os regimes hidrológicos dos rios nesta sub-região variam em função da abrangência da área de caatinga. No Rio Grande do Norte, os rios Potengi e Curimataú estão sob maior influência do semiárido, com exceção dos baixos cursos próximos a foz (ROSA et al., 2003).

O clima é tropical no litoral e no oeste e predominantemente semiárido no centro do Estado, apresentando altas temperaturas e chuvas escassas. As temperaturas médias anuais da região variam em torno de 26°C, com variações regionais (20°C nas regiões litorâneas e 27°C no interior do território) enquanto os regimes de chuvas são representados por índices pluviométricos inferiores a 1.500 mm anuais, com variações entre o litoral, onde esta média chega a ser superada, e o interior do estado, que apresenta índices de precipitação inferiores a 800 mm anuais (IDEMA, 2010).

No Nordeste brasileiro o Estado do Rio Grande do Norte ainda é uma região carente de estudos, onde poucos trabalhos sobre a ictiofauna (dulcícola e marinha) podem ser citados. Ao longo do tempo diversos pesquisadores contribuíram com seus estudos para que se alcançasse o atual estágio de conhecimento da ictiofauna norterio-grandense. Fazemos aqui referência à análise de quatorze obras de doze pesquisadores, observando que foram mantidas as nomenclaturas usadas originalmente pelos autores citados.

2 OS PRECURSORES

2.1 GABRIEL SOARES DE SOUZA

Gabriel Soares de Souza (1540-1592), provavelmente foi o primeiro a escrever sobre a ictiofauna do Estado do Rio Grande do Norte. Nascido em Lisboa, Portugal viveu no Brasil dezessete anos, escrevendo em 1587 uma obra intitulada de *Tratado descritivo do Brasil*, que foi publicada em 1825. Chegou ao Brasil em 1567, fixando-se na Bahia. Na obra de Gabriel Soares de Souza a parte dedicada a fauna é bastante extensa, tratando dos animais de interesse imediato para os nativos e colonos. Em relação aos peixes ainda registra os métodos de pesca empregados por nativos e colonos. Os estudos também incluem observações relativas aos povos nativos, às vilas portuguesas, aos acidentes geográficos, às atividades agrícolas e a flora, entre outros aspectos.

A primeira parte de sua obra é dedicada à descrição da costa e dos rios do Brasil, partindo da embocadura do rio Amazonas, passando pelo Estado do Rio Grande do Norte e indo até o rio da Prata.

Gabriel Soares de Souza descreveu entre outras formas animais 82 peixes marinhos e 12 peixes fluviais, entre os quais provavelmente se encontravam espécimes provenientes do Estado do Rio Grande do Norte.

Gabriel Soares de Sousa cita como peixes bons para comer: camurupim (*Megalops atlanticus*); panapaná (*Sphyrna zygaena*); peixe-porco ou cangulo (*Balistes carolinensis*); tubarão; arraia; mero (*Epinephelus itajara*); guarapicu ou cavala (*Scomberomorus cavala*); piracuca ou garoupa (*Epinephelus guaza*); ubaranas (*Elops saurus*); mucim ou muçum (*Synbranchus marmoratus*); piranha; piabas e o maturaqué ou traíra (*Hoplias malabaricus*). Gabriel Soares de Sousa ainda cita como peixe medicinal o bodião (PAIVA; CAMPOS, 1995).

2.2 GEORG MARCGRAVE

Georg Marcgrave, (1610-1644), nasceu em Liebstadt na então Saxônia. Escreveu a obra intitulada *História Natural do Brasil*, publicada em 1648. Georg Marcgrave veio para o Brasil durante o ano de 1639 na qualidade de membro do governo de Maurício de Nassau para o Brasil holandês. Sua obra consta de dois volumes, tendo o segundo volume sido escrito por Willem Pies (Guilherme Piso). Em suas expedições percorreu os Estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, ficando sediado na cidade do Recife. A referida obra é constituída por oito livros nos quais constam os nomes de 106 espécies de peixes (PAIVA; CAMPOS, 1995).

3 SÉCULO XX (1901-1978)

3.1 EDWIN CHAPIN STARKS

Starks (1913). Edwin Chapin Starks (1867-1932) chegou ao nordeste do Brasil com a Stanford Expedition, expedição norte-americana, patrocinada pela Stanford University, durante o ano 1911. A expedição era chefiada pelo geólogo John Casper Branner (1850-1922). Muitas coletas foram feitas no Estado do Rio Grande do Norte (no Lago Extremoz, no Lago Papari e nas proximidades do município de Ceará-Mirim). Starks (1913) fez um levantamento como resultado da expedição. No seu estudo, 15 espécies dulcícolas foram registradas para o Estado do Rio Grande do Norte.

Edwin Chapin Starks relata que passou várias semanas em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, onde as poças de maré, embora contendo uma fauna bastante pequena, provou ser o melhor local para as coletas nas imediações. Foram feitos arrastos do porto até o estuário do rio Carnahubinha. Duas viagens foram feitas em um barco de pesca, equipado com uma rede de arrasto com portas, que uma empresa local havia importado da Inglaterra e mesmo em virtude da grande quantidade de algas que encheu e destruiu as redes alguns peixes foram assegurados. O mercado de peixes era extremamente pobre e contribuiu muito pouco para a coleção. Raramente pouco mais de seis ou sete das espécies mais comuns foram encontradas por vez, e os preços que comandavam a oferta provaram estar muito aquém da demanda. Realizou uma viagem para o Lago de Extremoz, nove ou dez milhas na direção norte-nordeste de Natal. Após várias tentativas verificou-se ser impossível fazer qualquer arrasto no lago devido à grande quantidade de matéria vegetal semidecomposta que é mantida em suspensão na água e que rapidamente encheu a rede, tornando-a muito pesada para ser arrastada até as margens, de modo que a maioria dos espécimes foram coletados pelos pescadores com o uso de tarrafas.

Na mesma direção do lago Extremoz e cerca de nove quilômetros a mais fica a cidade de Ceará Mirim, em que vários dias foram gastos nas coletas de forma proveitosa, no pequeno riacho (Rio Ceará-Mirim?), e em várias lagoas lamacentas que foram separadas uma das outras, mas que são sem dúvida ligadas novamente durante o período de cheia. Alguns arrastos foram feitos, mas a maior parte do trabalho foi realizada pelos eficientes meninos, que nadaram ao com puçás e capturaram peixes nas margens lamacentas.

Continuando o seu relato Edwin Chapin Starks comenta que vários dias foram gastos no Lago Papary, localizado a cerca de vinte e quatro milhas ao sul de Natal. O lago é grande e raso, com margens pantanosas e estuários lamacentos obstruídos por aguapé, de modo que o arrasto aqui também era impossível. Por nossa conta os pescadores receberam permissão para a prática de um determinado método de pesca destrutiva, que é normalmente proibido por lei. Os peixes foram cercados por uma rede de emalhar, através de canoas a remo e os peixes retirados em redes extraordinariamente largas e direcionados para as malhas da rede de emalhar. Através deste e de outros métodos usuais de pesca, uma grande coleção foi retirada do lago.

Edwin Chapin Starks ainda comenta que gostaria de agradecer especialmente o Dr. J. C. Branner, chefe da expedição, não apenas pela oportunidade de fazer esta coleção, mas também para agradecer a ele, e os colegas, pela grande ajuda, de várias formas, na realização da mesma. Com o Dr. Dean Bashford, estou em dívida, pois sem sua ajuda a minha participação na expedição teria sido impossível. Neste pequeno texto é praticamente impossível a tentativa de reconhecer a grande parte da assistência que por diversas vezes recebi, porém não posso deixar de aqui agradecer ao Sr. José Joaquim de Carvalho e Araújo, cuja hospitalidade e influencia fez a nossa estadia em Papary tão agradável e proveitosa.

Esta coleção, incluindo as novas espécies tipos, foi depositada entre as coleções da Universidade de Stanford. Um conjunto de duplicatas foi enviado para o Museu Americano de Nova York. As placas de acompanhamento que ilustram as novas espécies foram feitas a partir dos desenhos de Chloe Lesley Starks. A fauna de peixes do Lago de Extremoz é composta das habituais formas de água doce da região e, além disso, muitos outros típicos de água salgada, como o *Centropomus*, *Mugil* e *Gerres*, mostrando que houve uma ligação com o mar nos últimos anos, embora seja dito que a ligação está cortada por montes de areia, no momento presente, finaliza então Edwin Chapin Starks.

Starks (1913) cita para o Estado do Rio Grande do Norte as seguintes espécies:

- *Sphyrna tiburo* (Linnaeus);
- *Pristis perrotteti* Valenciennes;
- *Pristis pectinatus* Latham;
- *Dasyatis gymnura* (Muller);
- *Elops saurus* Linnaeus;
- *Tarpon atlanticus* (Cuvier e Valenciennes);
- *Albula vulpes* (Linnaeus);
- *Sardinella sardina* (Poey);
- *Opisthonema oglinum* (Le Sueur);
- *Anchovia clupeioides* (Swainson)
- *Anchovia januaria* (Steindachner)
- *Anchovia brownii* (Gmelin)
- *Lycengraulis grossidens* (Cuvier);
- *Symbranchus marmoratus* Bloch;
- *Myrichthys oculatus* (Kaup);
- *Rabula megalops* Starks;
- *Lycodontis moringa* (Cuvier);
- *Lycodontis funebris* (Ranzani);
- *Leporinus maculatus* Muller e Troschel;
- *Cheirodon insignis* Steindachner;
- *Astyanax bimaculatus* Linnaeus;
- *Metynnis maculatus* (Kner);
- *Hoplias malabaricus* Bloch;
- *Gymnotus carapo* Linnaeus;
- *Trachycorystes striatulus* (Steindachner);
- *Hoplosternum thoracatum* (Cuvier e Valenciennes);

- *Synodus foetens* (Linnaeus);
- *Poecilia vivípara* Bloch e Schneider;
- *Tylosurus almeida* (Quoy e Gaimard);
- *Hyporhynchus unifasciatus* (Ranzani);
- *Cypselurus rubescens* (Rafinesque);
- *Hippocampus punctulatus* Guichenot;
- *Menidia brasiliensis* (Quoy e Gaimard);
- *Mugil brasiliensis* Agassiz;
- *Mugil trichodon* Poey;
- *Mugil curema* Cuvier e Valenciennes;
- *Sphyraena barracuda* (Walbaum);
- *Holocentrus ascensionis* (Osbeck);
- *Oligoplites saurus* (Bloch e Schneider);
- *Scomberomorus maculatus* (Mitchill);
- *Caranx crysos* (Mitchill);
- *Amia brasiliana* (Gilbert);
- *Centropomus mexicanus* Bocourt;
- *Centropomus undecimalis* (Bloch);
- *Cephalopholis fulvus* (Linnaeus);
- *Epinephelus adscensionis* (Osbeck);
- *Rypticus coriaceus* (Cope);
- *Lutjanus griseus* (Linnaeus);
- *Lutjanus jocu* (Bloch e Schneider);
- *Lutjanus apodus* (Walbaum);
- *Lutjanus analis* (Cuvier e Valenciennes);
- *Lutjanus synagris* (Linnaeus);
- *Harmulon parra* (Dasmarest);
- *Haemulon steindachneri* (Jordan e Gilbert);
- *Haemulon plumeri* (Lacépède);
- *Anisotremus virginicus* (Linnaeus);
- *Genyatremus luteus* (Bloch);
- *Calamus calamus* (Cuvier e Valenciennes);
- *Archosargus unimaculatus* (Bloch);
- *Eucinostomus pseudogula* Poey;
- *Eucinostomus harengulus* Goode e Bean;
- *Eucinostomus gula* (Cuvier e Valenciennes);
- *Ulaema lefroyi* (Goode);
- *Xystaema havana* Nichols;
- *Gerres brasilianus* (Cuvier e Valenciennes);
- *Gerres rhombeus* Cuvier e Valenciennes;
- *Gerres olisthostomus* Goode e Bean;
- *Polydactylus virginicus* (Linnaeus);
- *Cynoscion phoxocephalus* Jordan e Gilbert;
- *Cichlosoma bimaculata* (Linnaeus);
- *Crenicichla lepidota* Heckel;
- *Pomacentrus fuscus* (Cuvier e Valenciennes);
- *Abudufduf marginatus* (Bloch);

- *Halichoeres penrosei* Starks;
- *Halichoeres irideus* Starks;
- *Halichoeres poeyi* (Steindachner);
- *Sparisoma frondosum* (Cuvier);
- *Scarus croicensis* (Bloch);
- *Holocanthus tricolor* (Bloch);
- *Pomacanthus paru* (Bloch);
- *Hepatus hepatus* (Linnaeus);
- *Balistes vetula* Linnaeus;
- *Monacanthus hispidus* (Linnaeus);
- *Monacanthus ciliatus* (Mitchill);
- *Lactophrys tricornis* (Linnaeus);
- *Spheroides testudineus* (Linnaeus);
- *Chilomycterus antillarum* Jordan e Rutter;
- *Scorpaena plumieri* Bloch;
- *Dormitator maculatus* (Bloch);
- *Eleotris carvalhonis* Starks;
- *Awaous taiasica* (Lichtenstein);
- *Gobionellus stomatus* Starks;
- *Mapo soporator* (Cuvier e Valenciennes);
- *Ctenogobius boleosoma* (Jordan e Gilbert);
- *Ctenogobius glaucofraenum* (Gill);
- *Microgobius omostigma* Starks;
- *Remora remora* (Linnaeus);
- *Malacanthus plumieri* (Bloch);
- *Dactyloscopus crossotus* Starks;
- *Dactyloscopus tridigitatus*;
- *Thalassophryne branneri* Starks;
- *Gobiesox barbatulus* Starks;
- *Labrisomus nuchipinnis* (Quoy e Gaimard);
- *Auchenopterus rubicundus* Starks;
- *Blennius cristatus* Linnaeus;
- *Salariichthys textilis* (Quoy e Gaimard);
- *Syacium micrurum* Ranzani;
- *Citharichthys spilopterus* Gunther;
- *Achirus lineatus* (Linnaeus);
- *Achirus achirus* (Linnaeus);
- *Pterophryne histrio* (Linnaeus).

3.2 COMISSÃO TÉCNICA DE PISCICULTURA DO NORDESTE DO BRASIL

Segundo Azevedo e Vieira (1940), através de portaria firmada em 12 de novembro de 1932 foi criada a Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste do Brasil, subordinada à Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, com os seguintes objetivos: promover o povoamento das águas interiores regionais com peixes de boa qualidade, prolificos e precoces, e defender essa fauna contra os seus inimigos e moléstias;

metodizar as pescarias e determinar as épocas de sua realização e; divulgar os processos de conservação do pescado. Para a chefiar a Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste do Brasil foi designado Rodolpho von Ihering (1883-1939).

A fase expedicionária da Comissão teve início na Paraíba. Em seguida, foram desenvolvidas as investigações na metade oriental do Rio Grande do Norte (maio/junho-1933), desde a zona do Seridó até Natal, depois explorando os rios Ceará Mirim e Potengi. As investigações continuaram em Pernambuco com o estudo da biologia dos seus peixes e com o peixamento de açudes.

Pode-se destacar como resultados científicos da Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste do Brasil, nos anos de 1933 a 1937, o levantamento da fauna aquática, a investigação da biota e os estudos sobre a biologia dos peixes (AZEVEDO; VIEIRA, 1940)

3.3 LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

Cascudo (1938) fez referência aos peixes do Estado do Rio Grande do Norte em sua obra intitulada Peixes no idioma tupi, mas somente na parte relativa ao significado dos nomes tupis. Na sua obra, Luís da Câmara Cascudo, explica a etimologia de 221 espécies de peixes de água doce e salgada do Brasil.

3.4 HENRY WEED FOWLER

Fowler (1941). Henry Weed Fowler, durante o ano de 1941 fez uma compilação dos peixes marinhos do Brasil, o que resultou numa listagem de 578 espécies (nomes científicos e em alguns casos nomes vulgares) tendo publicado a obra *A List of the Fishes known from the coast of Brazil*, na qual faz referência a peixes do Estado do Rio Grande do Norte.

Fowler (1941) cita para o Estado do Rio Grande do Norte:

- *Sphyrna tiburo* (Linnaeus);
- *Pristis pectinatus* Latham;
- *Pristis microdon* Latham. Peixe-serra;
- *Pristis cuspidatus* Latham;
- *Rhinobatos percellens* (Walbaum). Vióla;
- *Dasyatis say* (Le Sueur);
- *Tarpon atlanticus* (Valenciennes);
- *Elops saurus* Linnaeus;
- *Albula vulpes* (Linnaeus);
- *Harengula humeralis* (Cuvier);

- *Opisthonema oglinum* (Le Sueur);
- *Anchoviella epsetus* (Bonnaterre);
- *Anchoviella clupeioides* (Swainson);
- *Anchovia januaria* (Steindachner);
- *Lycengraulis grossidens* (Agassiz);
- *Myrichthys ocellatus* (Kaup);
- *Rabula megalops* (Starks)
- *Lycodontis moringa* (Cuvier);
- *Lycodontis funebris* (Ranzani);
- *Synodus foetens* (Linnaeus);
- *Poecilia vivípara* Schneider;
- *Strongylura almeida* (Walbaum);
- *Hyporhanphus unifasciatus* (Ranzani);
- *Cypsilurus speculiger* (Valenciennes). Tainhota-voadeira;
- *Syacium micrurum* Ranzani;
- *Citharichthys spilopterus* Gunther;
- *Achirus achirus* (Linnaeus). Tapa;
- *Hippocampus punctulatus* Guichenot;
- *Sphyræna barracuda* (Walbaum). Bicuda;
- *Thyrina brasiliensis* (Quoy e Gaimard). Manjuba;
- *Mugil brasiliensis* Agassiz. Tainha;
- *Mugil curema* Valenciennes. Parati-ôlho-de-fogo;
- *Mugil trichodon* Poey;
- *Polydactylus virginicus* (Linnaeus);
- *Scomberomorus maculatus* (Mitchill). Sororóca;
- *Trichiurus lepturus* Linnaeus. Peixe-espada;
- *Apogon brasiliensis* Gilbert;
- *Centropomus parallelus* Poey. Robalo, Cangoropeba, Camurupeba;
- *Centropomus undecimalis* (Bloch). Robalo, Robalo-bicudo, Robalo-flecha, Camuri;
- *Cephalopholis fulvus* (Linnaeus);
- *Epinephelus adscensionis* (Osbeck);
- *Rypticus saponaceus* (Schneider). Badejo-sabão;
- *Lutjanus apodus* (Walbaum);
- *Lutjanus aya* (Bloch);
- *Lutjanus analis* (Valenciennes). Caranho vermelho;
- *Lutjanus synagris* (Linnaeus). Vermelho henrique;
- *Ocyurus chrysurus* (Bloch). Mulata;
- *Harmulon parra* (Dasmarest);
- *Haemulon plumeri* (Lacépède). Negra-mina;
- *Anisotremus bicolor* (Castelnau);
- *Anisotremus virginicus* (Linnaeus). Salema;
- *Archosargus unimaculatus* (Bloch). Canhanha;
- *Eucinostomus gula* (Cuvier). Carapicú;
- *Eucinostomus californiensis* (Gill). Carapicú;
- *Ulaema lefroyi* (Goode);
- *Xystaema havana* Nichols;

- *Eugerres brasilianus* (Cuvier). Caratinga;
- *Eugerres rhombeus* (Cuvier). Carapeba, Acarápeba;
- *Eugerres olisthoma* (Good e Bean);
- *Cynoscion phoxocephalus* Jordan e Gilbert;
- *Malacanthus plumieri* (Bloch);
- *Holocanthus tricolor* (Bloch). Soldado;
- *Pomacanthus paru* (Bloch);
- *Teuthis hepatus* (Linnaeus). Barbeiro;
- *Scorpaena plumieri* Bloch. Mangangá, Beatinha;
- *Pomacentrus fuscus* Cuvier. Maria-mole;
- *Abudefduf marginatus* Bloch. Querê-querê;
- *Halichoeres irideus* Starks;
- *Halichoeres penrosei* Starks;
- *Sparisoma frondosum* (Agassiz);
- *Scarus croicensis* (Bloch);
- *Eleotris carvalhonis* Starks;
- *Dormitator maculatus* (Bloch);
- *Erotelis smaragdus* (Valenciennes);
- *Gobius soporator* Valenciennes;
- *Gobius glaucofrenum* (Gill);
- *Gobius boleosoma* Jordan e Gilbert;
- *Awaous taiacica* (Lichtenstein). Amoré guaçu, Peixe-flor, Florete;
- *Gobionellus stomatus* Starks;
- *Microgobius meeki* Evermann e Marsh;
- *Microgobius omostigma* Starks;
- *Remora remora* (Linnaeus);
- *Dactyloscopus tridigitatus* Gill;
- *Labrisomus nuchipinnis* (Quoy e Gaimard);
- *Auchenopterus rubricundus* Starks;
- *Blennius cristatus* Linnaeus;
- *Salarias textilis* (Quoy e Gaimard);
- *Thalassophryne branneri* Starks. Moreiatim;
- *Gobiesox barbatulus* Starks;
- *Balistes vetula* Linnaeus. Cangulo;
- *Monacanthus hispidus* (Linnaeus). Peixe-porco, Negro-mina;
- *Monacanthus ciliatus* (Mitchill). Piraaca;
- *Lactophrys tricornis* (Linnaeus). Taóca, Peixe-boi;
- *Spheroides testudineus* (Linnaeus). Baiacu-mirim;
- *Chilomycterus antillarum* Jordan e Rutter;
- *Histrion histrio* (Linnaeus);

Fowler (1948). Henry Weed Fowler, em 1948 iniciou, a elaboração e publicação de um catálogo dos peixes de água doce do Brasil, que se estendeu pelos anos de 1950, 1951 e 1954. Na obra, *Os Peixes de Água doce do Brasil*, constam os nomes de 1.334 espécies de peixes. Diversas espécies de peixes foram citadas para o Estado do Rio Grande do Norte (Lago Papari, Monte Alegre, Ceará-Mirim e São Gonçalo), a partir de uma coleção de Rudolph von Ihering constituída por espécimes coletados no nordeste do Brasil.

Foram citadas para o Estado do Rio Grande do Norte as seguintes espécies:

- *Potamotrygon humerosus* (Garman);
- *Anchoviella vaillanti* (Steindachner);
- *Astyanax bimaculatus bimaculatus* (Linnaeus);
- *Moenkhausia grandisguamis* (Mueller & Troschel);
- *Leporinus friderici* (Bloch);
- *Acuticurimata macrops* (Eigenmann & Eigenmann);
- *Roeboides francisci* (Steindachner);
- *Hoplias malabaricus malabaricus* (Bloch);
- *Poptella longipinnis* (Popta);
- *Pygocentrus nattereri* Kner;
- *Rhamdella papariae* Fowler;
- *Hoplosternum thoracatum thoracatum* (Valenciennes);
- *Plecostomus pusarum* Starks;
- *Pseudancistrus papariae* Fowler;
- *Strongylura almeida* (Quoy & Gaimard);
- *Mugil brasiliensis* Agassiz;
- *Mugil curema* Valenciennes;
- *Melaniris brasiliensis* (Quoy & Gaimard);
- *Synbranchus maroratus* Bloch;
- *Centropomus parallelus* Poey;
- *Cichlaurus bimaculatus* (Linnaeus);
- *Crenicichla saxatilis* Linnaeus;
- *Eliotris carvalhonis* Starks;
- *Trachycorystes striatulus* (Steindachner);
- *Metynnis maculatus* (Kner).

3.5 RUI SIMÕES DE MENEZES

Menezes (1957) assinalou espécies ictiológicas com ocorrência registrada para o litoral das unidades federativas do Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Fernando de Noronha e Rio Grande do Norte.

3.6 MELQUÍADES PINTO PAIVA E HERMÍNIA DE CASTRO HOLANDA

Paiva e Holanda (1962) da Estação de Biologia Marinha da Universidade do Ceará, realizaram um inventário das espécies marinhas da costa nordeste do Brasil (Primeira Contribuição ao Inventário dos Peixes Marinhos do Nordeste Brasileiro), incluindo aí espécies do litoral do Estado do Rio Grande do Norte. A área estudada estava compreendida entre as bocas dos rios Paraíba e São Francisco, limitadas ao norte pelo Equador e a leste pela longitude 30° W. Para cada espécie coletada foram anotadas: as principais medidas e contagens; o local de captura; a data de captura; o aparelho de captura; o nome vulgar e; o número e a coleção a que pertence. Na primeira contribuição ao inventário dos peixes

marinhos do nordeste brasileiro foram citadas para o Estado do Rio Grande do Norte as seguintes espécies:

- *Cephalacanthus volitans* (Linnaeus, 1758) Jordan & Evermann, 1898;
- *Cynoscion leiarchus* (Cuvier, 1830) Jordan & Evermann, 1898.

3.7 MELQUÍADES PINTO PAIVA E HERMÍNIA DE HOLANDA LIMA

Paiva e Lima (1963) da Estação de Biologia Marinha da Universidade do Ceará, realizaram um segundo inventário das espécies marinhas da costa Nordeste do Brasil (Segunda Contribuição ao Inventário dos Peixes Marinheiros do Nordeste Brasileiro), incluindo aí espécies do litoral do Estado do Rio Grande do Norte. D mesma forma que na primeira contribuição a área estudada estava compreendida entre as bocas dos rios Parnaíba e São Francisco, limitadas ao norte pelo Equador e a leste pela longitude 30° W e para cada espécie coletada foram anotadas: as principais medidas e contagens; o local de captura; a data de captura; o aparelho de captura; o nome vulgar e; o número e a coleção a que pertence. Na segunda contribuição ao inventário dos peixes marinheiros do nordeste brasileiro foram citadas para o Estado do Rio Grande do Norte as seguintes espécies:

- *Anisotremus virginicus* (Linnaeus, 1758) Gill, 1861;
- *Chaetodon ocellatus* Bloch, 1787;
- *Hirundichthys affinis* (Gunther, 1866) Bruun, 1935.

3.8 MELQUÍADES PINTO PAIVA E HERMÍNIA DE HOLANDA LIMA

Paiva e Lima (1966) da Estação de Biologia Marinha da Universidade do Ceará, realizaram um terceiro inventário das espécies marinhas da costa nordeste do Brasil (Terceira Contribuição ao Inventário dos Peixes Marinheiros do Nordeste Brasileiro), incluindo aí espécies do litoral do Estado do Rio Grande do Norte. Da mesma forma que na primeira e na segunda contribuições a área estudada estava compreendida entre as bocas dos rios Parnaíba e São Francisco, limitadas ao norte pelo Equador e a leste pela longitude 30° W e para cada espécie coletada foram anotadas: as principais medidas e contagens; o local de captura; a data de captura; o aparelho de captura; o nome vulgar e; o número e a coleção a que pertence. Na terceira contribuição ao inventário dos peixes marinheiros do nordeste brasileiro foi citado para o Estado do Rio Grande do Norte a seguinte espécie:

- *Trichiurus lepturus* Linnaeus, 1758.

3.9 AÍDA MARIA ESKINAZI E HERMÍNIA DE HOLANDA LIMA

Eskinazi e Lima (1968) apresentaram uma lista de peixes marinheiros do Norte e Nordeste do Brasil coletados pelos barcos pesqueiros Akarua, Canopus e pelo NOc. Almirante Saldanha, da Marinha do Brasil. As coletas foram realizadas em águas das

seguintes unidades federativas: Amapá, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Fernando de Noronha e Atol das Rocas (latitudes 5°20'N e 11°20'S e as longitudes 32°24'3''W e 51°14'5''W). São apresentados dados sobre a natureza dos fundos e suas profundidades, onde o material examinado foi coletado, as variações de comprimento *standart* de cada espécie, precedidas do número de exemplares estudados.

Foram citadas para o Estado do Rio Grande do Norte as seguintes espécies:

- *Synodus poeyi* Jordan, 1887, Anderson *et al.*, 1966;
- *Thalassophryne maculosa* Gunther, 1861. Colleta, 1966;
- *Scorpaenodes tridecimspinosus* (Metzelaar, 1919) Ginsburg, 1953;
- *Scorpaena isthmensis* Meek & Hildebrand, 1928. Eschmeyer, 1965;
- *Scorpaena calcarata* Good & Bean, 1880. Ginsburg, 1953, Eschmeyer, 1965;
- *Cephalopholis fulvus* (Linnaeus, 1758);
- *Serranus baldwini* (Evermann & Marsh, 1900), Robins, 1961;
- *Sparisoma* spp.;
- *Paraclinus nigripinnis* (Steindachner, 1876);
- *Callionymus bairdi* Jordan, 1887, Davis, 1966;

3.10 HERMÍNIA HOLANDA DE LIMA

Lima (1969) realizou uma contribuição ao conhecimento dos nomes vulgares de peixes marinhos do Nordeste do Brasil (Primeira Contribuição ao Conhecimento dos Nomes Vulgares de Peixes Marinhos do Nordeste Brasileiro), incluindo o litoral do Estado do Rio Grande do Norte. Foram listados 170 nomes vulgares correspondentes a 95 espécies de peixes marinhos. Na elaboração da listagem foram considerados somente os nomes registrados ao longo da costa nordestina brasileira, entre as bocas dos rios Paraíba e São Francisco, bem como no território de Fernando de Noronha. Para o Estado do Rio Grande do Norte foram citadas as seguintes espécies:

- *Decapterus macarellus* (Cuvier, 1829) Poey, 1875;
- *Dactylopterus volitans* (Linnaeus, 1758) Cuvier & Valenciennes, 1829;
- *Pomacanthus paru* (Bloch, 1787) Cuvier & Valenciennes, 1831;
- *Trichiurus lepturus* Linnaeus, 1758;
- *Selar crumenophthalmus* (Bloch, 1793);
- *Trachinotus glaucus* (Bloch, 1787) Cuvier & Valenciennes, 1831;
- *Equetus lanceolatus* (Linnaeus, 1758) Jordan, Evermann & Clark, 1930;
- *Mugil brasiliensis* Agassiz, 1829;
- *Chaetodon ocellatus* Bloch, 1787;
- *Cynoscion bairdi* (Steindachner, 1879) Lara, 1948;
- *Cynoscion leiarchus* (Cuvier, 1830) Jordan & Evermann, 1898;
- *Cynoscion acoupa* (Lacépède, 1802) Jordan, 1886;
- *Anisotremus virginicus* (Linnaeus, 1758) Gill, 1861;

- *Upeneus maculatus* (Bloch, 1793) Cuvier & Valenciennes, 1829
- *Opisthonema oglinum* (Le Sueur, 1818) Jordan & Evermann, 1896.

3.11 HERMÍNIA DE HOLANDA LIMA E AIDA MARIA ESKINAZI OLIVEIRA

Lima e Oliveira (1978) apresentaram uma segunda contribuição ao conhecimento dos nomes vulgares de peixes marinhos do nordeste do Brasil (Segunda Contribuição ao Conhecimento dos Nomes Vulgares de Peixes Marinhos do Nordeste Brasileiro), inclusive do Estado do Rio Grande do Norte. Citam 268 nomes vulgares correspondentes a 176 espécies de peixes. Para o Estado do Rio Grande do Norte citaram sete espécies, a saber:

- *Coryphaena hippurus* Linnaeus, 1758;
- *Hirundichthys affinis* (Gunther, 1866);
- *Holacanthus ciliaris* (Linnaeus, 1758);
- *Mugil curema* Valenciennes, 1836;
- *Mugil incilis* Hancock, 1830;
- *Scomberomorus cavalla* (Cuvier, 1829);
- *Scomberomorus maculatus* (Mitchill, 1815)

4 CONCLUSÃO

A extensão e a duração das viagens e os estudos desenvolvidos pelos primeiros naturalistas em contato com o espaço norterio-grandense, durante o período de tempo compreendido entre os anos 1587 e 1648, apesar das limitações técnicas da época, resultaram nos primeiros conhecimentos sistematizados sobre a ictiofauna do Estado do Rio Grande do Norte. Num segundo momento, já no século XX, durante os anos de 1913 a 1948, ocorreu um segundo conjunto de contribuições ao conhecimento da nossa ictiofauna. Finalmente durante o lapso de tempo compreendido entre os anos de 1957 a 1978 identificamos um terceiro conjunto de contribuições. O conjunto de conhecimentos levantados durante os três ciclos de estudos identificados levou a constituição de uma base de informações sobre a nossa ictiofauna. A importância dos trabalhos dos primeiros naturalistas viajantes e as contribuições dos estudos dos pesquisadores do período compreendido entre os anos de 1913 a 1978 foi de grande valia para o conhecimento da ictiofauna potiguar. Esse conjunto de conhecimentos, entretanto, não trouxe contribuição direta ao desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Norte, pois não dispúnhamos sequer de germe de história natural, e os materiais coletados e identificados, em sua maioria, foram levados para instituições situadas fora do estado. Assim foram necessárias muitas outras contribuições para que o conhecimento da nossa ictiofauna passasse a se constituir num fato concreto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE-LIMA, D. The caatingas dominium. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 4, p. 149-163, 1981.

AZEVEDO, P.; VIEIRA, B. B. Realizações da Comissão Técnica de Piscicultura. **Bol. Insp. Fed. Obras Contra as Sêcas**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 113-124, [28] ests., 1940.

CASCUDO, L. C. Peixes no idioma tupi. Revisão de Alberto Vasconcelos. **Rev. Marit. Bras.**, v. 58, n. 5/6, p. 477-520, 1938.

ESKINAZI, A. M.; LIMA, H. H. Peixes marinhos do norte e nordeste do Brasil, coletados pelo Akaroa, Canopus e NOc. Almirante Saldanha. **Arq. Est. Biol. Univ. Fed. Ceará**, v. 8, n. 2, p. 163-172, 1968.

FOWLER, H. W. A list of the fishes known from the coast of Brazil. **Arq. Zool. Est. São Paulo**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 115-184, 1941.

FOWLER, H. W. Os peixes de água doce do Brasil. **Arq. Zool. do Est. São Paulo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-204, 1948.

FOWLER, H. W. Os peixes de água doce do Brasil. **Arq. Zool. Est. São Paulo**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 205-404, 1950.

FOWLER, H. W. Os peixes de água doce do Brasil. **Arq. Zool. Est. São Paulo**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 405-628, 1951.

FOWLER, H. W. Os peixes de água doce do Brasil. **Arq. Zool. Est. São Paulo**, São Paulo, v. 9, n.4, p. 1-400, 1954.

IDEMA. **Perfil do Estado do Rio Grande do Norte. Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte**. Natal: Secretaria de Estado do Planejamento e das Finanças do Rio Grande do Norte, 2010.

LIMA, H. H.; OLIVEIRA, A. M. E. Segunda contribuição ao conhecimento dos nomes vulgares de peixes marinhos do nordeste brasileiro. **Bol. Ciên. Mar, Fortaleza**, n. 29, p. 28 1978.

LIMA, H. H. Primeira contribuição ao conhecimento dos nomes vulgares de peixes marinhos do nordeste brasileiro. **Bol. Ciên. Mar, Fortaleza**, n. 21, p. 1-20, 1969.

MENEZES, R. S. Possibilidade de Expansão da Pesca Marítima no Nordeste e Leste Setentrional do Brasil. In: _____. **Problemas da Pesca no Nordeste e em Pernambuco**. Recife: Comissão de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco, 1957. p. 11-77.

PAIVA, M. P.; CAMPOS, E. **Fauna do Nordeste do Brasil**: conhecimento científico e popular. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1995.

PAIVA, M. P.; HOLANDA, H. C. Primeira contribuição ao inventário dos peixes marinhos do nordeste brasileiro. **Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Ceará**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-15, 1962.

PAIVA, M. P.; LIMA, H. H. Segunda contribuição ao inventário dos peixes marinhos do nordeste brasileiro. **Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Ceará**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-16, 1963.

PAIVA, M. P.; LIMA, H. H. Terceira contribuição ao inventário dos peixes marinhos do nordeste brasileiro. **Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará**, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 71-81, 1966.

ROSA, R. S. et al. Diversidade, padrões de distribuição e conservação dos peixes da Caatinga. In: LEAS, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (Orgs.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. [S.l. : s.n.], 2003. p. 135-180

STARKS, E.C. **The fishes of the Stanford Expedition to Brazil**. Leland Stanford Junior: University Publications, Stanford, 1913.